

CENTENÁRIO DE NASCIMENTO DE JOSÉ ALBANO

POESIA REDENTORA

Tristão de Athayde

O monumento a Alphonsus de Guimarãens, a reedição das obras-primas de José Albano e a morte de Durval de Moraes nos levam, neste melancólico fim de ano, a desvelar um pouco a atenção do pragmatismo pessimista que enche o nosso ambiente, para conviver um momento com essas três sombras poéticas irmanadas pela morte como o foram igualmente pela vida. Viveram todos três para a poesia. Viveram todos três ao arripio do seu tempo. Viveram todos três para o eterno. Com eles atingiu a poesia religiosa em nosso meio a um nível que até então jamais alcançara.

Antes do romantismo, a poesia brasileira distinguia bem nitidamente os dois campos — o sagrado e o profano. Havia os poetas nitidamente religiosos, como um Sousa Caldas, que abandona mesmo totalmente a poesia profana quando se converte, ou um S. Carlos que nunca chegou a cultivá-la. Havia um Gregório de Matos em que os dois hemisférios são tão nitidamente separados, que há quem duvide da possibilidade de coexistência, num mesmo poeta, das duas inspirações tão radicalmente contraditórias: uma totalmente mergulhada na carne, outra entoando um canto de pura elevação espiritual. Só quem desconhece, porém, a essência do catolicismo, essa sua nítida distinção entre o bem e o mal, a mais perfeita que é possível conceber fora do deslocamento e da ruptura maniqueísta, pode duvidar da possibilidade dessa coexistência. Aliás, alguns séculos mais tarde e próximo aos nossos tempos, Verlaine ia mostrar, uma vez mais, como é possível, num mesmo poeta, esse aparente paradoxo.

Foi o romantismo que apagou essas barreiras. Foi o vago espiritualismo romântico que eliminou as nítidas fronteiras clássicas entre o sagrado e o profano, e procurou impregnar toda a poesia da mesma espiritualidade religiosa, individualista e indefinida. Daí a ilusão de ter sido o romantismo o introdutor da poesia religiosa ou antes do misticismo em poesia. Não foi assim. O que houve foi, por assim dizer, uma fusão do dogma, uma passagem da fé ao estado de indefinição e de subjetivismo e com isso uma inspiração religiosa diluída por toda a poesia, sem a tradicional separação entre o sagrado e o profano.

Com o estado de espírito realista e a vitória do formalismo parnasiano, houve uma nítida queda da inspiração religiosa. Nem mais a clássica distinção entre os dois campos, no mesmo poeta; nem mais a religiosidade indefinida alimentando toda a expressão poética. Houve o abandono da inspiração mística. O prefácio de Sílvio Romero aos seus “Cantos do Fim do Século”, datado de novembro de 1878 é um marco nessa evolução do sentimento religioso em nossa poesia. Esta, para Sílvio Romero — “é um fato comum, ordinário, vulgar da vida humana, que não deve ter a pretensão de exigir inviolabilidade nem mártires para si. Como a linguagem, como a mitologia, como a religião, ela perdeu todos os ares de mistério, depois que a ciência do dia imparcial e segura, penetrou, um pouco amplamente, no problema das origens. Este resultado foi devido à alta crítica, história e filologia, depois que o sopro das ciências naturais a rejuvenesceu. A metafísica, com todo o seu histerismo (sic), bem pouco contribuiu para ele. A poesia é um resultado da organização humana, nada tem de absoluto nem de sobrenatural... A popularização da ciência é um fenómeno dos últimos tempos e a melhor conquista da expulsão do sobrenatural... O romantismo é um cadáver e pouco respeitado, não há futuro que o salve... A arte funda-se hoje na intuição novíssima que a ciência desapaixonada e imparcial vai divulgando”. (**Sílvio Romero** — Cantos do fim do século. Tip. Flum. Rio, 1878, pref. “A poesia de hoje”, passim).

Esse ataque de positivismo poético não foi efêmero ou inócuo. Por vinte anos, ao menos, o sobrenatural foi exilado da poesia. Todo o parnasianismo sofreu dessa tentativa de mutilação do universo poético. Foi preciso uma nova escola poé-

tica, foi preciso uma reação das novas gerações contra esse atentado às raízes mesmas do sentimento poético — substancialmente divino, pois a poesia, mesmo quando o ignora é a descoberta dos segredos de Deus nas criaturas e na criação em geral — para que voltassem tanto o sobrenatural como o romantismo. Foi então que surgiram Cruz e Sousa, Alphonsus de Guimarãens, B. Lopes restaurando a poesia em suas fontes eternas. Dos três, foi sem dúvida Alphonsus de Guimarãens, embora dentro do subjetivismo e da indefinição simbolistas, o que mais de perto tocou o mistério das origens sobrenaturais do ato poético.

Já então, porém, um novo elemento entrara em cena — a desespirtualização do ambiente. O realismo literário, em prosa e verso, correspondera a um movimento geral que Sílvio Romero percebeu muito bem e ajudou a por em marcha. Quando o simbolismo tentou restaurar o romantismo, sob novos aspectos, encontrou a hostilidade do ambiente. As forças desespirtualizadoras, quando se soltam, e só as barreiras sobrenaturais podem contê-las, fazem estragos tremendos e duradouros.

Dá a solidão dos poetas religiosos desde então. Dá o seu mundo fechado. Dá a sua marcha de arrepio à corrente. Foi o que ia suceder a Alphonsus de Guimarãens, a José Albano, a Durval de Moraes. Aquele viveu esquecido numa cidade do passado. José Albano partiu para a Pasárgada... E Durval de Moraes, que Jackson de Figueiredo considera o mais puramente religioso dos três, se fechou em sua “Solidão sonora”.

Os dois primeiros, contemporâneos, se colocaram em estéticas opostas. Aliás, o sentimento religioso, em poesia, nada tem a ver com a sua expressão estética. A poesia é mística por natureza e não por adaptação a esta ou àquela forma poética. É este, aliás, um dos preconceitos que não conseguimos até hoje, e duvido que se consiga tão cedo, extirpar dos meios religiosos. O mau gosto ou o estreitismo de espírito excluem a possibilidade de coexistência entre o sentido religioso da poesia e a liberdade de formas ou a criação de disciplinas inéditas. Nem mesmo o aparecimento de Claudel, há mais de meio século, esse novo Dante, conseguiu abalar sequer a tranqüila convicção de um casamento indissolúvel entre a fé religiosa e uma poética anacrônica ou acadêmica. O mesmo ocorre, aliás,

em todas as formas de arte e a pretensa simbiose entre a arquitetura religiosa e o estilo gótico, por exemplo, é uma das catástrofes contra as quais havemos de lutar em vão, até morrer. Mas lutaremos, seja qual for a certeza de que a rotina é invencível!

O modernismo, aliás, mostrou bem claramente essa autonomia da essência religiosa da poesia em face de suas formas estéticas. Mário de Andrade, desde o início da revolução modernista, declarava a Manuel Bandeira a importância que o problema religioso tinha para ele (“nada no mundo me faria perder uma missa”), e de sua “Paulicéia Desvairada”, mais tarde só salvava o poema “Religião”. Quando Murilo Mendes e Jorge de Lima restauram a “poesia em Cristo” e mostram de novo o mistério poético fazendo a ligação entre “o tempo e a eternidade”; quando Augusto Frederico Schmidt levanta a sua voz bíblica e canta os seus cantos de Natal, quando inúmeros poetas moderníssimos, como Ledo Ivo, Marcos Konder Reis ou Luís Paulo Moreira da Fonseca, mostram-nos a terceira geração modernista, tão profundamente impregnada do mais autêntico sobrenatural, não só vemos como se iludia o velho Sílvio Romero, há um século, julgando ter liquidado a metafísica e o sobrenatural, mas ainda compreender como a sacralidade poética nada tem a ver, em si, com qualquer **volta ao classicismo**. Quando isto se dá, é puramente por uma afirmação, perfeitamente justa, da liberdade do poeta e da sua personalidade.

Foi o que sucedeu com José Albano, antes do modernismo e com Durval de Moraes, depois dele.

A figura de José Albano é das mais inconfundíveis desse período pré-modernista, entre 1900 e 1920, em que escreveu o principal de sua estranha e puríssima obra poética, agora de novo revelada ao grande público, pela coragem editorial dos Irmãos Pongetti e pela independência e bom gosto literário de Manuel Bandeira. **As Rimas** — (Pongetti, ed. 1948), compreendendo essa deliciosa **Comédia Angélica**, esses maravilhosos quatro sonetos em Inglês, o **Triunfo**, que é uma obra prima e os **Dez sonetos escolhidos pelo autor**, que são seguramente dos mais belos que jamais foram escritos em nossa língua e mesmo em qualquer língua humana — representam um imenso drama interior — uma incomparável realização de **poesia pura**. José

Albano viveu fora do seu tempo, viveu contra o seu tempo, viveu torturado pelo seu tempo, nessa peregrinação pela Europa, à busca de um mundo ideal que só a chave poética de Camões, o grande desgraçado de gênio, lhe pode abrir. E criou uma poesia intemporal, inespacial, realmente eterna em sua pureza intangível, em que o verdadeiro **clássico**, não o néo-clássico, se perpetua em sua perenidade. Há um clássico eterno. Como há um romântico eterno. Em geral não se entendem. Mas eu confesso que não consigo excluí-los. E creio que viverão lado a lado eternamente.

Durval de Moraes, há dias desaparecido aos 66 anos, não foi como José Albano um puro clássico, nem como Alphonsus de Guimarães, seus dois irmãos em catolicismo contra o agnosticismo literário corrente, um puro romântico. Veio do junqueirismo, do panteísmo e depois do simbolismo, desse ramo baiano que por volta de 1919 se estendeu à cidade do Salvador, no tempo da mocidade ardente de Jackson de Figueiredo, de Pedro Kilkerry, de Carlos Chiachio, de Afonso de Castro Rebelo, de Melo Leite, de Edgar Ribeiro Sanchez, de Artur de Sales, de Juca Magalhães, de tantos outros que Jackson evoca na sua página magnífica “no vale da sonoridade”.

“A obra de Durval de Moraes já era imensa e só de sua produção, entre 1900 e 1910, conhecíamos uma dezena de livros assim. Em “Peregrinação”, “Blocos”, “A grande pátria...”, “Poemetos e Odes”, o drama “Telilhas”, “Alma e Ventre”, a tragédia “Lúcia Flora”, “Plasma”, obra imensa, repetimos, ora em verso, ora em prosa, mas toda ela poética”. (**Jackson de Figueiredo** — Durval de Moraes e os poetas de Nossa Senhora, 1925, pág. 20).

Era o movimento da “Nova Cruzada”, que em 1911 consagra a Durval de Moraes “o maior poeta da geração atual baiana” um número especial dos seus “Anais”. Mais tarde, na fase de transição do panteísmo para o teísmo, veio a “Sombra Fecunda”, com pesquisas métricas revolucionárias.

Quando, já no Rio, Durval de Moraes se converteu, e publicou a “Lira Franciscana”, oito anos depois da “Sombra Fecunda”, seu lirismo se objetivou totalmente em Deus e na Virgem Santíssima, de que veio a ser o mais puro cantor em nossos

dias, no poema “Cheia de Graça” e tantos outros, para terminar depondo aos pés da Cruz as suas cruces no admirável soneto “in extremis”:

Silêncio. É o fim? A estrada sempre... e ainda?
Sol pôr. Ouro no céu. Um sino. A estrada...
Sozinho. Aos pés, a sombra prolongada
Sorri, é a Dor. Chora... lembrança linda.

Solidão. Beatriz casta e velada.
És morte e amor e graça e glória infinda.
Sou teu. Abre-me o seio. Sê benvinda.
Parti, tudo deixei, deixando o nada.

Saudade. A imagem sempre? Revestida
De névoa e de luar, na noite do horto:
Esperança, desejo, forma, vida...

Sonho. Aos teus pés, morto Jesus, deponho
As quatro cruces do poeta morto:
Silêncio... solidão... saudade... sonho.

(“Solidão sonora”, pág. 161)

E junto a este do poeta morto de ontem, na mais pura das consagrações cristãs, no seu hábito de São Francisco, pés descalços, sem flores — o do outro grande poeta místico, José Albano, morto de 1923 e hoje revelado de novo ao grande público, como um dos maiores poetas da nossa história literária.

Poeta fui e do áspero destino
Senti bem cedo a mão pesada e dura.
Conheci mais tristeza que ventura
E sempre andei errante e peregrino.

E este, o V da sua coletânea que é dos momentos mais altos da nossa poesia religiosa, isto é, da nossa pura poesia essencial.

Senhor, assim pregado ao duro lenho
Não negas a ninguém o teu socorro;
A mim, pois, que de mágoa vivo e morro,
Dá-me o brando sossego que não tenho.

Em te amar sempre ponho todo o empenho,
Vendo do puro sangue o frio jorro,
E com suspiros aos teus braços corro
E ao pé da Santa Cruz deitar-me venho.

Olha como foi triste o meu destino.
Sem esperanças quase e sem venturas,
Apenas com os sonhos que imagino.

Lembra-te destas dores tão escuras,
De que tu és o meu Pastor Divino
E de que eu sou a ovelha que procuras.

(“Rimas”, pág. 239).

Nesta altura, em que Alphonse de Guimaraens, José Albano ou Durval de Moraes colocaram a Poesia, é que podemos afirmar ser ela a própria linguagem de Deus e o poeta um desvendador dos segredos do universo. Que a eterna infância e a divina intuição dos poetas nos ensinem o caminho da bondade e da beleza que se encontram afinal na Verdade suprema intangível a todas as catástrofes e a todas as negações.